

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN**  
**2 e 10 de Março de 2023**

**DA LUNHUI / 1983**  
**(“A Roda da Vida”)**

*Um filme de King Hu, Li Hsing e Pai Ching-Jui*

Realização: King Hu, Li Hsing e Pai Ching-Jui / Argumento: Yung-Hsiang Chang, baseado numa história de Li Chung / Direcção de Fotografia: Yeh-Hsing Chou e Tsan-Ting Lin / Direcção Artística: Ji-Ping Chang / Música: Ming-Tao Lo / Som: Yung-Fang Wang / Montagem: Tao-Chun Chou e Shan-Liang Lin / Interpretação: Hsueh-Fen Peng, Huo-Yen Chiang, Chun Shih, Hsi-Ping Chang, Pao-Shan Chang, Wei Chang, Hui-Lou Chen, Ching-Feng Chiang, Yu-Chi Chiang, Bem-Ko Chu, Hsi-Kuei Chu, Bi-Hui Fu, etc.

Produção: Taiwan Film Studio / Produtor: Hsiang-Hsiung Liao / Cópia digital (dcp), colorida, falada em mandarim com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

**Da Lunhui** é uma espécie de sequela para outro filme em episódios incluído neste ciclo, **His Nou Ai Lueh**, conhecido internacionalmente pelo título inglês de **Four Moods**, estrado em 1970. De “quatro” passamos a três, perdendo-se um realizador, Li Hang-Siang, mas mantendo-se os restantes (embora no programa mensal o nome surja grafado de maneira diferente, Pai Ching-Jui e Bai Jing-Rui são a mesma pessoa e o mesmo realizador). A sua principal peculiaridade é propor uma história de ecos e repetições, ou mesmo reencarnações (sempre os mesmos actores), desenrolando-se em momentos históricos diferentes: a época Ming no episódio de King Hu (o primeiro, e o mais *wuxia* de todos), os anos iniciais da época republicana, no princípio do século XX (o segundo), e Taiwan dos anos 80, contemporâneo da feitura do filme, suspendendo assim o registo “de época” (no terceiro episódio).

O primeiro e o terceiro são os mais curiosos. No caso do episódio de King Hu, por ele próprio. Os anos de ouro da popularidade do *wuxia* já tinham passado, mas como escreveu um comentador, “o *wuxia* nunca poderia estar morto num sítio em que King Hu estivesse vivo”, e o realizador, que com este episódio dirigiu o seu último projecto em Taiwan, iria a seguir para Hong Kong para uma breve ressurreição do género entre o final dos anos 80 e o princípio dos anos 90, que também correspondeu ao período final da sua carreira. É um episódio breve e rápido, sempre a oscilar entre momentos de calma quase contemplativa (belos planos, belas composições arrancadas à natureza), a mais sombria tensão dos bastidores do poder, e as explosões da violência, colorida, imaginativa, bailada, montada, que relevam da euforia *wuxia*. A duração comprimida do episódio (pouco mais de meia-hora), que obriga a um exercício de economia narrativa, acaba por funcionar como catalisador, ou revelador, destas características.

O episódio de King Hu estabelece o tema – a relação triangular entre personagens – sobre o qual os outros episódios vão variar, através de uma ideia, a reencarnação, que dentro duma cultura budista é menos sobrenatural do que parece. Se o segundo, o de Pai Ching-Jui / Bai Jing-Rui, é o que se afigura um pouco mais convencional, ou menos surpreendente, no seu retrato dos bastidores da ópera de Pequim, o terceiro episódio, de Li Hsing (1930-2021), é bastante interessante na forma como articula estereótipos narrativos clássicos (incluindo uma ideia de musical) com as paisagens contemporâneas de Taiwan – e numa altura que é por sua vez contemporânea dos filmes com que Edward Yang ou Hou Hsiao-Hsen começavam a ser conhecidos no ocidente, e com o qual se pode portanto estabelecer um termo de comparação, quanto mais não seja em termos de enquadramento sociológico. Vê-se aqui, também, como nos filmes da “nova vaga” de Taiwan, uma juventude que correspondia eventualmente à primeira geração de chineses de Taiwan que já tinha nascido “depois da História” (depois da Guerra Civil, depois da formação de Taiwan como entidade política), e uma das cenas cruciais (o passeio do par entre os templos) põe em cena o contraste entre a modernidade geracional das suas personagens e o fundo histórico da sociedade em que vivem. Em todo o caso, no meio da segura realista com que a vida urbana de Taiwan é descrita, permanecia em Li Hsing uma vontade de romantismo, mais ou menos desesperada, e é nesse tom, entre a nostalgia, a música e o bailado, que o filme se conclui.

Luís Miguel Oliveira